

O Método de Bernardino Ramazzini Aplicado ao Estudo do Processo Saúde-Doença dos Docentes do Ensino Superior

The Bernardino Ramazzini Method Applied To The Study Of The Health-Disease Process Of Teachers Of Higher Education

El Metodo Bernardino Ramazzini Aplicado Al Estudio Del Proceso De Enfermedad De Salud De Profesores De Educación Superior

Rosângela Gaze

UFRJ

Rio de Janeiro, RJ-Brasil

rosangelagaze@gmail.com

Luiz Carlos F. de Vasconcellos

Fiocruz

Rio de Janeiro, RJ-Brasil

elfadel@globocom

Márcia Vieira Pacheco

SIASS- RJ

Niterói, RJ-Brasil

mar7mares@gmail.com

Elsa Thomé de Andrade

Fiocruz

Rio de Janeiro, RJ-Brasil

migmau@terra.com.br

RESUMO

O processo saúde-doença dos professores do ensino superior é analisado, segundo uma abordagem metodológica extraída da obra de Bernardino Ramazzini "*De Morbis Artificum Diatriba*" (1700). Princípios doutrinários da saúde no Brasil, consignados na sua Carta Constitucional, tais como os da integralidade, interdisciplinaridade, saber dos trabalhadores, direito à saúde e cidadania são identificados na referida obra mais de três séculos depois. Sua obra, alicerçada em extensa revisão bibliográfica, é capaz de nortear, contemporaneamente, a relevância das relações sociais no trabalho, inclusive na docência, transpondo a barreira do tempo e subsidiando a compreensão da acumulação flexível do século XX/XXI como condicionante social do adoecimento e morte. O produtivismo científico é abordado como fator de impacto na precarização das condições de trabalho e de vida, fragilizando a saúde dos docentes de ensino superior. O sofrimento psíquico tem conduzido docentes a 'opções' extremas de aposentadorias precoces e suicídios, cuja magnitude e gravidade requerem metodologias de abordagem tais, que poucos teriam a maestria de Ramazzini, ao inaugurar um olhar sobre o mundo do trabalho, ainda hoje inexplorada adequadamente.

Palavras-chave: docentes; doenças do trabalho; saúde do trabalhador; vigilância em saúde.

ABSTRACT

The health-disease process of higher education teachers is analyzed according to a methodological approach extracted from the work of Bernardino Ramazzini "*De Morbis Artificum Diatriba*" (1700). Doctrinal principles of health in Brazil, enshrined in its Constitution, such as those of integrality, interdisciplinarity, workers knowledge, right to health and citizenship are identified in "*De Morbis Artificum Diatriba*" more than three centuries later. His work, based on an extensive bibliographical review, is able of guiding contemporaneously the relevance of social relations at work, including teaching, transposing the gate of time and subsidizing the understanding of the flexible accumulation of the XX/XXI century as a social determinant of illness and death. Scientific productivism is approached as an impact factor in the precariousness of working and living conditions, thereby weakening the health of professors. Psychological suffering has led teachers to extreme 'options' for early retirements and suicides, whose magnitude and gravity require methodologies of approach such that few would have the mastery of Ramazzini, to inaugurate a glimpse into the world of work, still unexplored properly today.

Key words: faculty; occupational diseases; occupational health; health surveillance.

RESUMEN

El proceso de salud-enfermedad de los docentes de educación superior se analiza de acuerdo con un enfoque metodológico extraído del trabajo de Bernardino Ramazzini "*De Morbis Artificum Diatriba*" (1700). Los principios doctrinales de la salud en Brasil, consagrados en su Constitución, como los de integralidad, interdisciplinariedad, conocimiento de los trabajadores, derecho a la salud y ciudadanía se identifican en "*De Morbis Artificum Diatriba*" más de tres siglos después. Su trabajo, basado en una extensa revisión bibliográfica, puede guiar, al mismo tiempo, la relevancia de las relaciones sociales en el trabajo, incluida la enseñanza, transponiendo la barrera del tiempo y subsidiando la comprensión de la acumulación flexible del siglo XX / XXI como un determinante social de la enfermedad y la muerte. El productivismo científico se enfoca como un factor de impacto en la precariedad de las condiciones de trabajo y de vida, debilitando la salud de los docentes de la educación superior. El sufrimiento psíquico ha llevado a los docentes a 'opciones' extremas de jubilaciones anticipadas y suicidios, cuya magnitud y gravedad requieren tales metodologías, que pocos tendrían el dominio de Ramazzini, al inaugurar una mirada al mundo del trabajo, aún hoy inexplorado.

Palabras llave: profesores; enfermedades profesionales; salud del trabajador, vigilancia de la salud.

INTRODUÇÃO

Bernardino Ramazzini (Carpì, 1633 – Pádua, 1714), médico e professor italiano, na sua obra de 1700 *De Morbis Artificum Diatriba*, inaugura um método de observação sobre as doenças dos trabalhadores. A forma como sistematizou o conhecimento acerca das doenças dos trabalhadores é assinalada por seus biógrafos e estudiosos, que ressaltam seu estilo de redação erudito e leve, entremeado por poesias e referências a diversos saberes (MENDES, 2016; FERREIRA, 2001; ARAUJO-ALVAREZ; TRUJILLO-FERRARA, 2002).

Obra de referência indiscutível aos estudiosos do campo da Saúde do Trabalhador, o *Morbis Artificum Diatriba*, entretanto, não é utilizado naquilo que tem de mais precioso: o método nele contido. O presente ensaio tem o propósito de utilizar o método e o estilo de Ramazzini na análise do processo saúde-doença dos docentes do ensino superior, especialmente por ter sido, ele mesmo, emérito professor na Universidade de Módena, Itália, há mais de 300 anos.

Reviver o método, o estilo e a sabedoria de Ramazzini (2016), que assinalava a importância da moderação no trabalho, encaixa-se “como luva” no trabalho nada moderado do docente hoje no Brasil. Sujeitos a ritmos frenéticos nos seus locais de trabalho e nos seus lares, modulados por um produtivismo insano que, hoje, com a internet em tempo integral que os alcança no mais recôndito e privativo lócus da intimidade pessoal, os docentes adoecem e morrem cada vez mais rápido, e de modo pior do que no tempo seiscentista.

Ramazzini recomendava a alguns artesãos que concedessem maior valor à saúde do que aos ganhos. Possuía consciência crítica de que “Príncipes e comerciantes geralmente obtêm gordos proventos do trabalho dos mineiros, porque precisam de metais para quase todas as indústrias” (2016, p.31). Exerceu sua arte no Renascimento/Iluminismo em que o mercantilismo vigorava como prática econômica que subordinava a produção à prosperidade do Estado e atribuía valor excessivo aos metais preciosos. Testemunhava em suas visitas às oficinas a fadiga dos artífices. A ‘moeda’ do mercantilismo de então eram os produtos da mineração.

Nos tempos atuais, o processo de transformação da produção de conhecimento em moeda, no ‘mercantilismo acadêmico pós-moderno’, tem contribuído para o esgotamento de docentes do ensino superior, com a intensidade com que eram consumidos os mineiros em sua saúde e sua vida.

Transtornos mentais, disfonias, doenças osteomusculares, infecção e incontinência urinárias, distúrbios gastrointestinais relacionados ao trabalho docente eram conhecidos por Ramazzini (2016) que assinalava a importância da moderação no exercício dessa arte. Nos mais de três séculos que nos separam lhe demos pouca atenção.

O MÉTODO DE RAMAZZINI

Ramazzini, apropriadamente reconhecido como "mentor da Saúde do Trabalhador" (EDITORIAL, 2017, p.01), redigiu sua obra em Módena/Itália e arredores na última década do século XVII. Estudos de médicos que o precederam na detecção de relações entre trabalho e adoecimento – como Hipócrates, Galeno e Avicena – pavimentaram a obra que avançou na construção de um método de análise das *morbi artificum*.

Ao dissertar sobre as "doenças dos literatos", Ramazzini (2016, p. 230) menciona que "professores das letras" "sofrem também os inconvenientes de ficarem muito tempo de pé". As artes são situadas em seu contexto sócio antropológico. O olhar que Ramazzini teria sobre as DORT¹, muito sentidas e referidas hoje pelos docentes, procuraria compreender que a autoadministração de analgésicos/anti-inflamatório, intencionando minimizar o prejuízo ao produtivismo acadêmico, alonga o sofrimento e adiciona "prejuízos" à saúde.

Atualmente, associam-se os riscos de exposição a ocupações específicas, nexos causais, de natureza técnico-epidemiológica e previdenciária, enquanto Ramazzini analisava processos de trabalho e suas consequências à saúde, nexos socialmente condicionado, de natureza antropológica, focado na saúde dos trabalhadores, esmiuçando o modo como o trabalhar afetava a saúde dos operários sedentários aí incluídos os literatos.

A complexidade do mundo do trabalho pós-moderno não pode ser linearmente comparada ao cenário dos 1600/1700, mas causa perplexidade. Compartilharmos informações em escalas internauticas e continuarmos desconhecendo "de que adoecem e morrem os trabalhadores" (RIBEIRO; LACAZ, 1984) em nosso cotidiano.

O registro sistemático de doenças e óbitos relacionados ao trabalho no Brasil atual provém de três fontes primárias – Notificação Compulsória ao Sistema de Informação de Agravos de Notificação-Sinan, Declarações de Óbitos no Sistema de Informação de Mortalidade-SIM e Comunicação de Acidentes de Trabalho-CAT. São todas desarticuladas e insuficientes à compreensão do processo saúde-doença dos trabalhadores, incluindo os docentes.

Embora se tenha uma plataforma conceitualmente bem fundamentada e transparente de informação em saúde (Datusus), ela não dialoga entre seus subsistemas. Do mesmo modo, a integralidade – concepção essencial à abordagem de cenários de saúde – continua não sendo incorporada como eixo de análise (VASCONCELLOS; GAZE, 2013, p. 66). E ainda, o exílio, a que são

¹ Distúrbio osteomuscular relacionado ao trabalho

condenados os trabalhadores (docentes incluídos), no mundo do silêncio, contradiz a própria essência do que se entende como saúde do trabalhador: o protagonismo do sujeito (VASCONCELLOS; ALMEIDA; GUEDES, 2009). A voz do docente não é a voz que fala de seu sofrimento, é a voz que reproduz o discurso daquilo que lhe mata. Por fim, o alijamento da representatividade social é a tônica do “sistema”. Uma epidemiologia social, crítica e transformadora, dá voz a uma “inteligência popular” (BREILH, 1996, p.132) que, ao revés de uma inteligência científica, autoritária e excludente, propicia que num estado democrático, ora pois, o povo seja ouvido em seus males e participe de sua erradicação.

OS PASSOS METODOLÓGICOS

A questão central do ensaio “De que adoecem e morrem os docentes do ensino superior no Brasil?” buscou sua resposta tendo como pano de fundo o elenco de abordagens sobre o mundo do trabalho, em sua relação com a saúde, identificadas na obra de Ramazzini (VASCONCELLOS; GAZE, 2013).

Elencamos neste ensaio, os elementos metodológicos que realçam a discussão do adoecimento e morte no trabalho docente sob o foco da reestruturação produtiva do século XX/XXI. Pesquisas assemelhadas que, à luz do Método (quadro 1), proponham mudanças nos sistemas de informação no sentido de propiciarem conhecimento sócio-epidemiológico sobre o processo saúde-doença dos trabalhadores poderão contribuir para a integralidade da atenção à saúde.

A revisão bibliográfica no ensaio espelhou a obra-fonte, incluindo textos de referência em periódicos científicos, leigos, oficiais, blogs, sites, legislações e publicações em geral sobre o trabalho docente do ensino superior e sua relação com a saúde.

Quadro 1: Método de Ramazzini (Passos Metodológicos)

- . descrição do ofício
- . relevância social do ofício e as relações sociais envolvidas
- . análise do processo de trabalho
- . análise do ambiente
- . análise da organização do trabalho
- . análise dos riscos e cargas a que os trabalhadores são expostos
- . identificação das doenças agudas e crônicas que afetam os trabalhadores
- . fisiopatogenia dessas doenças
- . distribuição epidemiológica
- . tratamento
- . prevenção
- . relações dos ofícios com o meio ambiente
- . revisão bibliográfica

Fonte: Vasconcellos; Gaze, 2013.

O TRABALHO DOCENTE

Os docentes de ensino superior atuam em múltiplas e diversificadas atividades universitárias de ensino, pesquisa e extensão e devem contar com recursos de trabalho nem sempre disponíveis nas Instituições de Ensino Superior (IES).

RELEVÂNCIA SOCIAL E RELAÇÕES SOCIAIS ENVOLVIDAS NA DOCÊNCIA

Falar da relevância social da docência no Brasil requer dialogar com Paulo Freire (1921-1997) e olhar para nós mesmos, autores-professores do ensino superior na área da saúde pública que desejam contribuir através deste ensaio na conquista do trabalho saudável pelos docentes. Neste sentido, o autor destaca:

Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura. [...] Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuido do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa mas não desiste (FREIRE, 1996, p.63).

Somos professores ensinando, aprendendo, pesquisando e ultrapassando muros e barreiras, sem reconhecimento, prestígio à míngua, salários que não chegam a se estender por 30 dias, mas que se estendem a alunos e pesquisas, ignorando dificuldades pelo prazer de conduzir jovens à autonomia, testemunhar conquistas, amadurecimento e desenvolvimento.

À sua época, Ramazzini (2016, p. 230) dizia dos literatos que "se a necessidade os aperta e surge a esperança de ganhar dinheiro, entregando-se de corpo e alma à sua feição pelas letras, [...] atraem para si a estima de nobres cavalheiros [...]". Hoje, a cultura proporciona-lhes prazer, enquanto lucro e glória são proveitos dos que a exploram, deixando aos escritores as escarpas. Pesquisadores espirituosos enfrentam, por vezes, episódios de melancolia, tristeza e depressão que, tatuados na alma, não aparecem nas estatísticas vitais pois 'vitais' são os registros considerados científicos. Vital é a participação ativa dos docentes na luta pela sua saúde. Neste sentido, o Sindicato Nacional dos Docentes das IES² alerta sobre o impacto do produtivismo na saúde dos professores universitários. Entre as relações sociais envolvidas na docência destaca-se a política dos órgãos de fomento a pesquisas.

² A ANDES-SN tem cerca de "70 mil sindicalizados de IES e institutos de educação básica, técnica e tecnológica e está representado em todo o território nacional pelas suas 121 seções sindicais" (ANDES-SN, 2018).

O artigo "Produtivismo docente pode adoecer, matar e até levar ao suicídio", motivado pela repercussão de suicídio de doutorando do Instituto de Ciências Biomédicas da USP (novembro/2017), destaca que "problemas vivenciados no dia a dia dos docentes e pesquisadores das universidades públicas", carga horária excessiva, infraestrutura deficitária, tensão sobre prazos, espaços insalubres e assédios têm levado a transtornos mentais, hipertensão, *burnout* e suicídio. Problemas que aliados ao contexto sociopolítico neoliberal de reformas – trabalhista, da previdência, terceirizações (ANDES-SN, 2017, *on-line*), intervenções – alavancam o aumento alarmante de mortes autoprovocadas (SIM, 2018).

A tendência exponencial de crescimento do suicídio no Brasil entre 1999-2015 – incremento de quase três vezes – está possivelmente atrelada à conjuntura de intensificação da precarização das condições de trabalho que atinge trabalhadores de todas as esferas sociais (ANTUNES; PRAUN, 2015), incluindo os docentes.

Reconfigurações tecnológicas voláteis e renovação acelerada de processos e produtos levam à intensa responsabilização individual pela aquisição e manutenção de competências moldando uma cultura individualista e consumista da força de trabalho que fragiliza identidades coletivas e políticas (LACAZ, 2016).

O tocante relato de Caroline Lima (ANDES-SN, 2017, *on-line*) acerca da competitividade decorrente da escassez de orçamento e da "necessidade do produtivismo", acirrando relações de poder na academia pela "mercantilização do trabalho docente" e transformação da produção científica em commodity, contribui para 'compreendermos' as impactantes estatísticas de suicídios.

Borsoi e Pereira (2013, p.1216 - 1218) detectaram em sua pesquisa uma relação entre "excesso de trabalho e sofrimento e adoecimento": entre os 80 docentes que procuraram ajuda médica e/ou psicológica, cerca de 50 integravam programas de pós-graduação, 64 (80%) destes apresentaram enxaqueca, cistite e crises gástricas e 40% mencionaram o uso de medicamentos psicomoduladores.

Padecimentos que Ramazzini (2016, p.230, 232, 233) detectou em quem se "consagra seriamente" às letras: sentem-se "angustiadados por fraqueza de estômago" que "digere o cérebro"; sofrem de "indigestões, grande acúmulo de flatos, palidez e enfraquecimento de todo o corpo"; adquirem "nefrite e artrite", comuns aos trabalhadores sedentários; e convivem com noites de vigília próprias dos literatos cuja "ânsia do saber e a fome de literatura" os consomem.

Na jornada laboral docente pós-moderna, do alcance de metas avaliativas (individuais e dos programas) rigidamente aprazadas – produtividade (quantitativos de publicações, orientandos, horas-aula, participações em bancas) – depende a manutenção dos professores na pós-graduação e das bolsas de seus orientandos. A responsabilidade consigo mesmo e com sua equipe, a multiplicidade e diversidade de processos de trabalho, atividades e metas compõem os pilares da carga excessiva dos docentes e as raízes dos seus agravos (*op cit*, p.1223).

Ramazzini (2016, p.201) entendia que "não se encontrará tipo algum de exercício tão saudável e inócuo que, praticado com excesso, não acarrete graves danos" e coloca esse saber na 'fala' dos que praticam o exercício da dicção: "disso se dão conta os mestres de dicção, cantores [...] filósofos que leem nas escolas discutindo até ficarem roucos, e todos aqueles que têm por ofício [...] forçar a voz". Menciona que os professores discursando em suas cátedras "até ficarem roucos, para instruírem a juventude estudiosa" desenvolvem dispneia, hérnias e rupturas de vasos (*ibid*, p.234).

OS PROFESSORES FALAM DE SEU TRABALHO...

É essencial ao campo da saúde do trabalhador o saber do próprio trabalhador (saber empírico, saber operário, saber 'profano') como o móvel primordial para a transformação do mundo do trabalho (VASCONCELLOS; GAZE, 2013).

Assim, são as falas dos trabalhadores, no caso os docentes, que ilustram a dimensão da tragédia. No site da ANDES-SN (2017), 'falas' selecionadas aleatoriamente destacam a organicidade das análises e interpretações sobre condicionantes do processo saúde-doença efetuadas pelos próprios professores (SOUZA; FALLEIROS, 2011).

João Fernando Marcolan (Unifesp) associa a competição entre docentes incentivada pelo "sistema produtivista, imposto por Capes e CNPq", ao "sofrimento psíquico" gerado por "sentimentos de inferioridade, incapacidade e incompetência".

O sistema é perverso, pois não há verbas para todos, determinados grupos de pesquisa ficam com boa parte das verbas, não há isonomia de tratamento para as diferentes regiões brasileiras e suas necessidades específicas, o mérito é muito subjetivo por parte do avaliador, há interesses políticos-ideológicos em escolhas. Enfim, caso o docente não perceba as engrenagens do sistema ainda toma para si a culpa de não ter obtido sucesso em sua aventura de não perecer. Caso saiba das engrenagens, resta o sentimento de impotência e frustração. (ANDES-SN, 2017, on-line)

Os resultados das pesquisas citadas nas falas, consolidam o conhecimento de que adoecimento e morte dos docentes demandam ações imediatas. Este ensaio, ao contribuir na ampliação de divulgação dessas informações, visa fomentar mais solidariedade entre nós.

Campos (2011, resumo, grifo do autor), ao abordar os nexos entre trabalho, saúde e educação, observa a "submissão do corpo e da alma do trabalhador" aos interesses da lógica mercantilista na Educação. Verificou que, entre 2006 e 2010, 14,13% das solicitações de afastamentos de professores do trabalho na UFPA³, estavam relacionadas à saúde mental (*ibid*, p.86).

Spink e Alves (2011) alertam sobre a invasão dos momentos de pausa no cotidiano acadêmico por pressões avaliativas:

Há poucos anos, quando professores universitários se encontravam para almoçar, a conversa, provavelmente, incluiria os diversos assuntos do dia - tais como congressos, bolsas, associações científicas -, além das inevitáveis fofocas que são partes do cotidiano humano. Provavelmente, também, terminariam a conversa de bom humor! Hoje é bem possível que um outro tema domine a mesa, mas, desta vez, deixando seus componentes de mau humor: as exigências crescentes da produção acadêmica e os ratings da avaliação CAPES. (SPINK; ALVES, 2011, p.337)

O atual produtivismo científico empenha-se em gerar fator de impacto (FI) aos periódicos, correlacionando aporte à construção do conhecimento a textos herméticos armazenados aos milhares para atender parâmetros bibliométricos. Enquanto as revistas de FI elevado utilizam estratégias mercadológicas de produção artificial de escassez promovendo a ideia de que a exclusividade – entendida como 'sinônimo' de qualidade – é o seu diferencial, a construção do conhecimento expõe-se a distorções (CASADEVAL; BERTUZZI; BUCHMEIER *et al.*, 2016). Este sistema de avaliação, sob o véu da objetividade estatística, privilegia grupos de pesquisa e autores com maior 'produtividade', os quais têm preferência na obtenção de financiamentos numa corrente na qual aquele que mais ganha é o que sempre ganhou mais, contribuindo na precarização das condições de trabalho e de vida dos professores.

DE QUE ADOCEM E MORREM OS DOCENTES?

As análises epidemiológicas mais frequentemente divulgadas abordam os agravos, inclusive os relacionados ao trabalho, abstraindo a dinamicidade do processo saúde-doença. Cadeias produtivas são interconexões cinéticas de elos da produção, que transpassam políticas, histórias e geografias, em que o labor docente se insere e está sujeito aos efeitos da reestruturação produtiva e precarização de vínculos trabalhistas da pós-modernidade (ANTUNES; PRAUN, 2015). Nesse contexto, é urgente a pergunta: nossos sistemas de informação possibilitam a construção de indicadores de saúde que assinalem 'oportunamente' o potencial de adoecimento e morte dos docentes?

³ Dados da Pró-reitoria de Desenvolvimento e Gestão de Pessoal/Diretoria de Saúde e Qualidade de Vida/Subsistema Integrado de Atenção à Saúde (CAMPOS, 2011).

Os dados epidemiológicos extraídos das plataformas de informação em saúde, reduzida à magnitude de Transtornos Mentais Relacionados ao Trabalho, descompassam do que vemos, ouvimos e sentimos em nosso cotidiano, e ao referido na literatura (CAMPOS, 2011; SPINK; ALVES, 2011; BORSOI; PEREIRA, 2013). Entre as hipóteses plausíveis para esta subestimação, incluem-se o sub-registro, a qualidade de preenchimento de formulários e de fluxos do Sinan e da CAT. Infelizmente, razões operacionais não bastam para explicar esses silêncios epidemiológicos.

Antunes e Praun problematizam essa questão, relatando que a precarização do trabalho

nas últimas décadas vem produzindo indicadores de acidentes e doenças profissionais cada vez mais altos, mesmo que, por conveniência política e econômica, impere a não notificação", como também para as "lesões osteomusculares e transtornos mentais. (ANTUNES; PRAUN, 2015, p.409-10)

O mundo da acumulação flexível exige que o trabalhador 'se dobre' à gestão e ao cumprimento de metas concorrenciais. No caso do professor, essa maleabilidade significa trabalhar sem 'poros' de lazer e convívio social, sob pena de ser excluído de grupos de pesquisa para que a 'equação financeira' de fomentos não seja prejudicada por um 'item improdutivo' – o docente – no denominador. Coisificado e excluído por inútil recolhe-se à solidão que potencializa seu adoecimento psíquico e amplifica o esgarçamento do tecido social das universidades. Espaços dialéticos de troca de conhecimentos reduzem-se perversamente a mercados de bolsas de incentivo 'à acumulação inflexível de pontos'. Pontos estes cujos critérios são estabelecidos pelos interesses de mercado cuja voracidade intensifica-se a cada período avaliativo em que as subjetividades do professor são capturadas em similar cadência.

Os efeitos da reestruturação produtiva são mais sentidos nas universidades públicas (LIMA; LIMA-FILHO, 2009) nas quais também recai outro fator a silenciar o adoecimento docente. A maioria dos docentes utiliza a rede de saúde suplementar, que tradicionalmente não efetua as compulsórias notificações ao Sinan e à Dataprev (CAT), resultando em informações que não espelham seu perfil epidemiológico. Os servidores públicos, segmento relevante dos docentes vinculados ao Regime Jurídico Único, recentemente dispõem do Subsistema Integrado de Atenção à Saúde-SIASS, cujo módulo para registro de informações – deseja-se – propiciará o monitoramento de suas condições de saúde/doença/morte (BRASIL, 2009; FREIRE; PACHECO, 2016; ANDRADE, 2009).

AMBIENTE, PROCESSO, ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO E RISCOS E CARGAS NAS ATIVIDADES DOCENTES

Um olhar atento sobre a organização do trabalho revela que parte significativa dos docentes exerce atividades como servidores de universidades públicas e está 'cumulativamente' sujeita ao 'eterno' enxugamento da máquina administrativa, cujo foco costumeiro concentra-se nas áreas da educação

e da saúde (LIMA; LIMA-FILHO, 2009). Com vagas em concursos progressivamente mais restritas, os professores mantêm as mesmas atividades com equipes em acelerada redução, frequentemente sem serviços de apoio e de infraestrutura, muitos destes terceirizados, quarteirizados, precarizados, pulverizados, volatilizados...em sistemática dissolução... (BREILH, 2001).

Os suicídios no meio acadêmico (LIMA, 2013) de docentes e discentes exigem redirecionamento do eixo da atenção à saúde para medidas precaucionárias (COLLEGIUM RAMAZZINI, 2003) de transformações na organização, processos e ambiente de trabalho.

Na "universidade produtivista" (LIMA, 2013, p.83) não há lugar para amizades à vera nem para adquirir saberes no caminhar da vida. A geração de professores independentes que formavam pessoas pelo prazer de ensinar e aprender cede lugar aos "professores-produtivos" movidos pela sede de formar seus *curricula* (*ibid*).

Haveria amigos ou colegas de profissão entre os 53 cariocas com instrução superior que escolheram (-? -) morrer precipitando-se de local elevado em 2014 (DATASUS, 2018)? A ressonância magnética de última geração ainda não registra subjetividades, mas esses suicídios bradam objetividades. Ecoam a solidão do desfazimento de laços mútuos de proteção.

Ramazzeni assinalava a fragilidade da prescrição de "medidas preventivas, enquanto se mantém a causa ocasional [...] a necessidade de ganhar o pão de cada dia, para si e suas famílias" (2016, p.174). E aconselhava: "não contraiam doenças pelo interesse do ganho, pois o trabalho os vencerá e terão que permanecer desocupados durante muitos dias" (*ibid*, p.264). Nem mesmo esta opção está ao alcance dos professores 'precarizados' sem poder de decisão sobre a organização do trabalho (LACAZ, 2000). Parafrazeando Ramazzini, postulamos que essas "causas [não] ocasionais" (*ibid*, p.174) atuam como condicionantes do processo saúde-doença na docência.

A epidemiologia 'fragmentadora' insidiosamente provoca mudança ética no papel da ciência que pavimenta pesquisas nos 'sacros' e reducionistas estudos etiológicos e rechaça a incorporação de 'profanos' saberes dos trabalhadores. Atingidos os objetivos da "saúde contratualizada" de redução de gastos com a indenização de doenças e acidentes de trabalho, a 'epidemiologia fragmentadora' não mais investiga a raiz dos agravos (GAZE; LEÃO; VASCONCELLOS, 2011, p.244).

Condicionantes históricos de doenças relacionadas ao trabalho são silenciados nos procedimentos periciais de estabelecimento de nexos causais. Efeito cumulativo da tensão por desempenho – gerando descuido com a adequada hidratação e ressecamento de cordas vocais, flacidez perineal

decorrente do sedentarismo, incontinência urinária feminina e infecções urinárias repetitivas, sinergias (p.ex.: carga excessiva de aulas e papiloma vírus de laringe) e latência alongada de agravos (p.ex.: câncer) – podem levar a adoecimento tardio e à morte 'invisíveis' às estatísticas.

APONTAMENTOS PARA A ATENÇÃO INTEGRAL À SAÚDE DOCENTE

Os agravos que mais fazem sofrer (p.ex.: stress, *burnout*, depressão, fadiga, disfonias, distúrbios visuais e DORT) e que estão levando docentes a 'opções' extremas como a morte social por aposentadorias precoces e a morte biológica autoprovocada mostram magnitude e gravidade a requerer ações precaucionárias de saúde pública (COLLEGIUM RAMAZZINI, 2003).

O tratamento, abordagem individual e necessária do problema, desses agravos é pouco efetivo a longo prazo, podendo gerar complicações por efeitos medicamentosos adversos. A abordagem do processo saúde-doença em sua dimensão social sob a égide da Vigilância em Saúde pode transformar, sob "perspectiva holística e integralizadora", o caminhar a vida dos docentes (GAZE; LEÃO; VASCONCELLOS, 2011, p. 237).

O adoecer e morrer dos docentes, olhado por dentro de sua arte por seus artifices-autores, identifica na organização e nas etapas dos seus múltiplos e diversificados processos de trabalho momentos críticos e elementos vulneráveis a modificações para a preservação da saúde.

A participação ativa dos docentes na Vigilância em Saúde possibilita fortalecer a compreensão de que o caminho da luta pela saúde docente é o da atenção integral à saúde compreendida e praticada por Ramazzini (2016, p.159) e iluminada pelo princípio de ser "péssimo o ganho que arruína algo tão valioso como a saúde".

Como clímax de um modesto ensaio, elencamos apontamentos prioritários à saúde integral dos docentes: 'ressuscitação' do senso de pertencimento de classe; reposicionamento da produção de conhecimentos em seu valor científico e não mercadológico; reformulação de parâmetros, critérios e metas de produção científica; readequação de quantitativos de docentes/discentes; investimento na infraestrutura institucional; desburocratização e simplificação de fluxos; diálogos do ensino superior com a sociedade organizada como pressuposto pedagógico; valorização de alunos como sujeitos do ensino e futuros docentes; reengenharia de sistemas informatizados conferindo-lhes simplicidade, flexibilidade e agilidade; inclusão e acessibilidade de etnias, raças, movimentos sociais e pessoas com deficiência como exercício de alteridade curativa do '*self*'; e, finalmente, incluir a arte, a literatura, a música, a poesia, a dança, a relação com a natureza e a solidariedade com os que sofrem como parte de uma nobre missão que mais cura do que adoecer, como talvez nos dissesse Ramazzini.

REFERÊNCIAS

ANDES-SN. Sindicato Nacional dos Docentes das IES. **História**. Disponível em <http://portal.andes.org.br/imprensa/manual/site/menu/historia.html>. Acesso 21/02/18.

_____. **Produtivismo docente pode adoecer, matar e até levar ao suicídio**. 08/11/2017 Disponível em <http://www.andes.org.br/andes/print-ultimas-noticias.andes?id=9149>. Acesso 20/02/18.

ANDRADE, E.T. **O processo de implementação da Política de Atenção à Saúde do Trabalhador em Instituições Públicas Federais**: o desafio da integralidade. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública), Escola Nacional de Saúde Pública, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2009.

ANTUNES, R.; PRAUN, L. A sociedade dos adoecimentos no trabalho. **Serv. Soc. Soc.**, n.123, p.407-27, 2015.

ARAUJO-ALVAREZ, J.M.; TRUJILLO-FERRARA, J.G. De Morbis Artificum Diatriba 1700-2000. **Salud Pública México**, v.44, n.4, p.362-70, 2002.

BORSOI, I.C.F.; PEREIRA, F.S. Professores do ensino público superior: produtividade, produtivismo e adoecimento. **Universitas Psychologica**, v.12, n.4, p.1211-33, 2013.

BRASIL. Decreto nº 6.833, de 29 de abril de 2009. **Subsistema Integrado de Atenção à Saúde do Servidor Público Federal-SIASS**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6833.htm Acesso em 07/03/2018.

BREILH, Jaime. Eficacia del poder, retroceso del derecho y degradación del trabajo: el escenario regresivo de la salud laboral en América Latina. Conferência de Abertura. In: **Anais do Encontro Nacional de Saúde do Trabalhador**: Desafio da Construção de um Modelo Estratégico. Brasília, Ministério da Saúde, 2001.

_____. **El Género Entrefuegos**: Inequidad y Esperanza. Quito: Ed. CEAS, 1996.

CAMPOS, F.J.S. **Trabalho Docente e Saúde**: Tensões da Educação Superior. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação). Instituto de Ciências da Educação, UFPA, Belém, 2011. Disponível em http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/2806/1/Dissertacao_TrabalhoDocenteSaude.pdf. Acesso em 21/02/18.

CASADEVALL, A.; BERTUZZI, S.; BUCHMEIER, M.J. *et al.* ASM journals eliminate impact factor information from journal websites. **J Clin Microbiol**, v.54, n.9, p.2216-7, 2016. Disponível em <http://jcm.asm.org/content/early/2016/07/09/JCM.01418-16.full.pdf+html>. Acesso em 24/03/18.

COLLEGIUM Ramazzini. **The Precautionary Principle**: Implications for Research and Policy Making. Seventh Collegium Ramazzini Statement. 25/10/2003. Disponível em [http://www.collegiumramazzini.org/download/7_SeventhCRStatement\(2004\).pdf](http://www.collegiumramazzini.org/download/7_SeventhCRStatement(2004).pdf) Acesso em 02/11/17.

EDITORIAL. Se Ramazzini fosse vivo. **Boletim Informativo do Fórum Intersindical Saúde, Trabalho e Direito**, ano II, n.24, p.1-9, 2017. Disponível em https://docs.wixstatic.com/ugd/15557d_5c38bf8b81bf4ab5affafde670fc39f.pdf. Acesso em

03/03/18.

FERREIRA, L.L. Quam artem exerceas? **Travailler**, v.1, n.5, p.211-17, 2001.

FREIRE, M; PACHECO, M. Saúde do Trabalhador: Um Desafio Para a Política de Atenção à Saúde e Segurança do Servidor Público Federal (PASS). **Intervozes**: trabalho, saúde, cultura, v.1, n.2, p.34-51, 2016.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAZE, R.; LEÃO, L.H.C.; VASCONCELLOS, L.C.F. A Organização Internacional do Trabalho: a saúde fora do lugar. In: VASCONCELLOS, L.C.F.; OLIVEIRA, M.H.B. (Org.) **Saúde, Trabalho e Direito**: uma trajetória crítica e a crítica de uma trajetória. Rio de Janeiro: Educam, 2011.

LACAZ, F.A.C. Qualidade de vida no trabalho e saúde/doença. **Ciênc. saúde coletiva**, v.5, n.1, p.151-61, 2000.

LACAZ; F.A.C. Precariedade, intensificação do trabalho e saúde do trabalhador: por uma postura anticapitalista das Políticas Sociais. In: De Souza Lourenço, E.A. (Org.) **Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora e Serviço Social**: Estudos da relação trabalho e Saúde no capitalismo contemporâneo. Campinas: Editora Papel Social, 2016.

LIMA, M.F.E.M.; LIMA-FILHO, D.O. Condições de trabalho e saúde do/a professor/a universitário/a. **Ciências & Cognição**, v.14, n.3, p.062-082. 2009.

LIMA, R. Os suicídios e a universidade produtivista. **Revista Espaço Acadêmico**, ano XIII, n.149, 2013.

MENDES, R. A atualidade de Ramazzini, 300 anos depois. In: Ramazzini, Bernardino. **As Doenças dos Trabalhadores**. Tradução de Raimundo Estrêla. 4.ed. São Paulo: Fundacentro, 2016.

MS. Ministério da Saúde. Departamento de Informática do SUS. **Datasus**. Disponível em <http://datasus.saude.gov.br/>. Acesso em 12/02/2018.

RAMAZZINI, B. **As Doenças dos Trabalhadores**. Tradução de Raimundo Estrêla. 4.ed. São Paulo: Fundacentro, 2016.

RIBEIRO, H.P.; LACAZ, F.A.C. (orgs.) **De que adoecem e morrem os trabalhadores**. São Paulo: Diesat, 1984.

SOUZA, K.R.; FALLEIROS, I. Confluências de uma trajetória crítica das relações saúde, trabalho e direito: para uma práxis educativa em saúde do trabalhador. In: VASCONCELLOS, L.C.F.; OLIVEIRA, M.H.B. (Org.) **Saúde, Trabalho e Direito**: uma trajetória crítica e a crítica de uma trajetória. Rio de Janeiro: Educam, 2011.

SPINK, P.K.; ALVES, M.A. O campo turbulento da produção acadêmica e a importância da rebeldia competente. **O&S**, v.18, n.57, p.337-43, 2011.

VASCONCELLOS, L.C.F.; GAZE, R. Saúde, trabalho e ambiente na perspectiva da integralidade: o método de Bernardino Ramazzini. **Revista Em Pauta**, v.32, n.11, p.65-88, 2013.

VASCONCELLOS, L.C.F.; ALMEIDA, C.V.B.; GUEDES, D.T. Vigilância em saúde do trabalhador: passos para uma pedagogia. **Trab. educ. saúde**, v.7, n.3, p.445-62, 2009.